
Professor e o aluno surdo no ensino regular: revisão sistemática da literatura

Waldenir Lopes de Oliveira¹
Juliana Guimarães Faria²
Neuma Chaveiro³
Leila dos Reis Pereira⁴

Resumo: Tendo em vista, o complexo contexto histórico da educação de surdos no Brasil, iniciado formalmente a partir do ano de 1857, este trabalho propõe identificar e analisar artigos publicados em periódicos brasileiros, disponíveis na base de dados da *coleção Scielo*, sobre a relação de professores de escolas públicas regulares da educação básica, que tenham surdos dentre seu alunado. O objetivo desse artigo é analisar a relação de professores de escola regular com o aluno surdo. O método é a revisão sistemática da literatura na base de dados, com suporte na análise de conteúdo (BARDIN, 2016). Para a construção deste trabalho, o estudo bibliográfico realizado utilizou sete artigos do período de 2002 a 2018. As produções foram categorizadas em: visão sobre o surdo, inclusão e formação de professores. Conclui-se que há lacunas na educação de surdos em decorrência da falta de formação de professores e condições escolares inadequadas aos alunos surdos, sua cultura e língua.

Palavras-chave: Surdez. Professor. Educação.

**TEACHER AND THE DEAF STUDENT IN REGULAR EDUCATION:
SYSTEMATIC REVIEW OF LITERATURE**

Abstract: In view of the complex historical context of deaf education in Brazil, formally started in 1857, this paper proposes to identify and analyze articles published in Brazilian journals, available in the database of the Scielo collection, on the relationship of teachers regular public schools of basic education, who have deaf students. This paper aims to analyze the relationship between regular school teachers and the deaf student. The method is a systematic review of the literature, supported by content analysis (BARDIN, 2016). For the construction of this article, the bibliographic study carried out used seven articles from the period from 2002 to 2018. The productions were categorized into: view on the deaf, inclusion and teacher training. It is concluded that there are gaps in the education of the deaf due to the lack of teacher training and inadequate school conditions for deaf students, their culture and language.

¹ Licenciado em Letras Libras, pela Universidade Federal de Goiás. E-mail: waldenirlopes@hotmail.com

² Professora Associada da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás/UFG. Doutora em Educação pela UFG com Pós-Doutorado pela Universidade Autônoma de Barcelona/UAB. Atuação e pesquisas no âmbito da língua de sinais, surdos, linguística e educação desde 2009. E-mail: julianagf@ufg.br

³ Professora Adjunta da Universidade Federal de Goiás/UFG. Doutora em Ciências da Saúde pela UFG com Pós-Doutorado pela Universidade de Barcelona/UB. Atuação e pesquisas no âmbito da língua de sinais, surdos e saúde desde 2000 – neumachaveiro@ufg.br

⁴ Profissional Intérprete de Libras da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia/SME. Professora Intérprete de Libras da Secretaria de Estado da Educação de Goiás /SEDUC. Especialista em Estudos Linguísticos das Línguas de Sinais pela Universidade Federal de Goiás/UFG e Mestranda do Programa Pós Graduação em Letras e Linguística (PPGLL) /UFG. leilalibrasreis@gmail.com

Keywords: Deafness. Teacher. Education.

Introdução

No Brasil, a educação de surdos tem início formalmente em 1857, quando o professor surdo Eduard Huert chega ao Rio de Janeiro, a pedido do Imperador D. Pedro II. Com a fundação do Imperial Instituto de Surdos-Mudos, os surdos passaram a ter uma escola especializada para sua educação. Vale salientar, entretanto, que as meninas surdas só tiveram direito à educação no início do século XX, ano de 1929, quando surgiu o Instituto Santa Terezinha, em São Paulo (ALVES *et al.*, 2015).

A educação do surdo se voltou mais para o desenvolvimento da comunicação oral que para a transmissão de conhecimento. Tratava-se de uma formação desvinculada da ideia de educação como direito de liberdade e igualdade, mantinha-se assim o estereótipo da incapacidade de aprender por não ouvir.

O processo educacional dos surdos apresenta as diversas faces de uma educação excludente, desde que estes deveriam ser obrigados a falar e suas especificidades negadas. Surdos foram obrigados a rejeitar sua língua natural e aprender outra língua de modalidade diferente da sua, a língua oral de seu país, e isto lhes trouxe e traz um grande prejuízo no que diz respeito ao processo de comunicação, tanto na Língua de Sinais como na própria oralização destes indivíduos. (ALVES *et al.*, 2015, p. 30).

Ao longo do tempo, o processo de educação do surdo foi pautado na oralização na qual tinham que se enquadrar nas regras da “normalidade”, estando presos no modelo do ouvintismo. Sendo, portanto, proibidos de utilizar a sua própria língua, ficando limitados no seu desenvolvimento linguístico, cognitivo e afetivo (CAMPOS, 2014).

Rodrigues (2015) argumenta que, atualmente, percebemos a intensificação da presença de alunos com surdez nas escolas regulares, ao contrário do que ocorria em décadas anteriores, quando esses alunos se concentravam em instituições especiais, como por exemplo, a Escola Estadual Especial Maria Lusia de Oliveira, localizada em Goiânia, na qual foi pioneira no atendimento a pessoas surdas no estado de Goiás. No entanto, segundo o autor, a presença de alunos surdos traz novos desafios para a escola

em geral e para o professor em particular, que precisa lidar com a diversidade linguística e cultural numa instituição que não foi pensada inicialmente para isto.

Ao discutir acerca da implantação da proposta de educação inclusiva no Brasil, Rodrigues (2015) afirma que têm adotado meios distintos, de acordo com os entendimentos dos responsáveis por sua concretização. Esse novo paradigma ocidental dos fins do século XX, fez com que diversos discursos sociais, políticos e, principalmente, educacionais, provocassem a banalização da palavra inclusão e, também, no esvaziamento do conceito, aparecendo, hoje, com as mais diversas acepções.

Durante séculos, o trabalho com pessoas surdas tem se mostrado uma situação desafiante. No contexto educacional, esses desafios têm sido enfrentados de diversas maneiras. Entende-se que a sala de aula seja um ambiente no qual os alunos estabelecem relações entre escola e o que acontece fora dela. Ao considerar o ensino de alunos surdos, devem-se levar em conta as singularidades que esse grupo apresenta na aquisição e na construção do conhecimento (PAGNEZ; SOFIATO, 2014). Para Quadros e Karnopp (2004), as línguas de sinais diferenciam das línguas orais, não somente pela sua modalidade receptora viso-espacial, mas também, pela produção que acontece por meio das articulações manuais e corporais. Além de apresentar estrutura gramatical e lexical própria, o que lhe confere status de língua natural.

O reconhecimento da Libras como primeira língua da comunidade surda brasileira, aconteceu em 2002 pela Lei 10.436, e regulamentada pelo Decreto 5.626/2005. Entretanto não basta a aceitação por meio de uma lei, é preciso compreender a importância da Libras e os aspectos da constituição desta língua. Diante desta conjuntura, este trabalho propõe identificar e analisar artigos publicados em periódicos brasileiros disponíveis na base de dados da Coleção Scielo sobre a relação de professores de escola regular, com aluno surdo, da educação básica.

O presente artigo se estrutura a partir das seguintes perguntas: o que apresentam as publicações de periódicos brasileiros disponíveis na plataforma Scielo sobre: a relação de professores de escola regular com aluno surdo? A visão de professores sobre o aluno surdo na escola regular? As principais dificuldades do professor em relação ao trabalho com o aluno surdo?

Desse modo, esse estudo reconhece o valor do trabalho docente, bem como, a relevância da reflexão sobre o papel da escola frente ao desafio de promover uma

educação cada vez mais significativa, pautada no respeito ao professor e no direito que o surdo tem a uma educação e formação com qualidade social.

Metodologia

A metodologia de pesquisa utilizada é de revisão sistemática de literatura com uma abordagem qualitativa de caráter descritivo. Martins (2004) enfatiza que na abordagem qualitativa, a pesquisa depende fundamentalmente da competência teórica e metodológica empregada. Os dados são as próprias produções científicas encontradas na base de dados Scielo. A produção científica em análise se refere a um levantamento dos estudos já realizados acerca de um determinado tema com o objetivo de buscar respostas, ou simplesmente parâmetros, para analisar e responder os questionamentos demandados. Para Lima e Miotto (2007), ao analisarem a pesquisa de cunho bibliográfico, afirmam que não se trata apenas de uma observação superficial das fontes pesquisadas, pois ela imprime aos estudos feitos, considerações críticas e apreciações teóricas. Ou seja, as referências teóricas do pesquisador e o modo como ele compreende o mundo interfere na análise que ele faz dos dados de sua pesquisa.

Estabeleceram-se os seguintes critérios de inclusão das produções científicas: produções do tipo artigo dentro da base de dados da coleção Scielo; artigos publicados em língua portuguesa; entre os anos 2002 (ano da lei 10.436 – Lei da Libras – língua brasileira de sinais, BRASIL, 2002) e junho de 2018; produções sobre o tema professores e educação de surdos em escola regular; busca a partir de três descritores: surdez, educação e professor. A escolha dos descritores seguiu um padrão de proximidade com temática estudada que é entender a visão dos professores em relação aos alunos surdos da educação básica na escola regular e refletir sobre as dificuldades enfrentadas nesse contexto.

As etapas de análise dos dados foram: identificar títulos e resumos que possuam afinidades à temática; leitura completa dos artigos selecionados; identificação e agrupamento das produções por categorias temáticas, a partir da técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2016).

Resultados

Foram encontradas 54 referências quando a busca associou os descritores surdez e educação. Para a busca em que associou os descritores surdez e professor, obtivemos apenas dois registros; e a associação dos três descritores resultou em apenas um registro. As duas últimas buscas na coleção Scielo resultaram em artigos que se repetiram na primeira busca. Assim, após a leitura do título e do resumo, realizada pelos pesquisadores, foi possível identificar sete artigos que possuíam uma compatibilidade com a temática deste trabalho.

A análise dos dados foi realizada a partir da leitura completa dos sete artigos. A leitura das produções científicas foi feita pelos pesquisadores e permitiu uma análise descritiva e analítica a partir de três categorias temáticas, a saber: a) visão sobre o surdo; b) inclusão e educação de surdos; e c) formação dos professores. O quadro a seguir apresenta os artigos que compuseram a amostra de acordo com as categorias.

Quadro 01 – Artigos identificados a partir dos descritores surdez, educação e professor.

Categorias	Periódico e Ano	Autores	Título
Visão sobre o surdo	Rev. Estudos de Psicologia 2003a	Angélica Bronzatto de Paiva e SILVA; Maria Cristina da Cunha PEREIRA.	A imagem que professoras de escola regular têm em relação à aprendizagem do aluno surdo.
	Psicologia: Teoria e Pesquisa. 2003b	Angélica Bronzatto de Paiva e SILVA; Maria Cristina da Cunha PEREIRA.	O Aluno Surdo na Escola Regular: Imagem e Ação do Professor.
	Revista Brasileira de Educação Especial. 2009	Simone SCHEMBERG; Ana Cristina GUARINELLO; Ana Paula de Oliveira SANTANA.	As Práticas de Letramento na Escola e na Família no Contexto da Surdez: Reflexões a Partir do Discurso dos Pais e Professores.
Inclusão e educação de surdos	Revista Brasileira de Educação Especial. 2006	Ana Cristina GUARINELLO; Ana Paula BERBERIAN; Ana Paula SANTANA; Giselle MASSI; Mabel de PAULA.	A Inserção do Aluno Surdo no Ensino Regular: Visão de um Grupo de Professores do Estado do Paraná.
	Psicologia Escolar e Educacional. 2014	Fagner Michel MALLMANN; Juliana De CONTO; Maria Fernanda BAGAROLLO; Denise Maria Vaz Romano FRANÇA.	A Inclusão do Aluno Surdo no Ensino Médio e Ensino Profissionalizante: um Olhar para os Discursos dos Educadores.

Formação dos professores	Revista Brasileira de Educação Especial. 2015	Ana Claudia TENOR; Débora DELIBERATO.	Sistematização de um Programa de Capacitação ao Professor do Aluno Surdo.
	Educação & Realidade. 2016	Lucyenne Matos da Costa Vieira MACHADO; Maura Corcini LOPES.	A Constituição de uma Educação Bilíngue e a Formação dos Professores de Surdos.

Fonte: Elaborado pelos autores.

A seguir apresentamos a descrição e análise de cada artigo, organizados a partir das temáticas atribuídas.

Visão sobre os surdos

Silva e Pereira (2003a e 2003b) analisam a imagem que professores da escola regular têm em relação ao aluno surdo, considerando a abordagem qualitativa. A ênfase dada refere-se à categoria aprendizagem e puderam evidenciar, por meio da análise dos dados, uma visão limitada dos professores em relação ao aluno surdo, bem como uma baixa expectativa em relação à aprendizagem deste alunado.

As autoras destacam que, no trabalho com as famílias de crianças surdas, percebe-se acentuada preocupação destas com relação a uma necessidade de melhor escola para estes alunos, já que essas famílias demonstraram perceber falta de preparo técnico para o trabalho com os surdos. Ainda, é preciso haver uma aceitação por parte dos profissionais docentes com relação aos discentes surdos. Devem considerar que estes são capazes de aprender e que precisam ter as suas particularidades respeitadas, pois possuem as mesmas capacidades inerentes a todos os seres humanos, ou seja, a capacidade de aprender.

No contexto de ensino de alunos surdos, as dificuldades de linguagem levam os profissionais docentes a construírem uma imagem negativa, assim como desenvolver ideias equivocadas a respeito desse público alvo. Conforme descrevem:

Muitos professores, por não conhecer as implicações da surdez, apresentam a tendência de não acreditar no potencial do aluno surdo, atribuindo as suas dificuldades à surdez. Se o aproveitamento do aluno confirma a baixa expectativa do professor, é considerado deficiente e com isso o professor se isenta da responsabilidade de ensinar, pois é o aluno que não aprende. (SILVA; PEREIRA, 2003, p.7).

Frente à atual política pública de inclusão que sinaliza a defesa do atendimento de alunos com deficiência nas redes regular de ensino, torna-se fundamental que o professor construa uma imagem fidedigna a respeito da aprendizagem do aluno surdo, assim como dos demais alunos que possuem necessidades educativas especiais.

Schemberg *et al.* (2009) apresentam um estudo no qual o objetivo foi analisar e discutir as práticas de letramento no meio escolar e familiar de um grupo de crianças surdas. A pesquisa foi desenvolvida com pais e professores dessas crianças surdas que se encontravam matriculadas em escolas regulares na região metropolitana do município de Curitiba/Paraná. Para as autoras, a leitura e a escrita desempenham importante papel na constituição do sujeito e a diversidade de gêneros textuais. No entanto, quando se trata da pessoa surda, essas experiências significativas com a leitura e escrita, geralmente, acontecem de forma restritiva e limitada.

Os primeiros contatos com a prática de leituras, por parte das crianças surdas, acontecem principalmente no ambiente familiar. Já no espaço escolar as práticas de leitura e escrita são majoritariamente pautadas nos livros didáticos.

Os resultados demonstram que as práticas de leitura são restritas no âmbito familiar, o que implica em refletir sobre como a criança surda está sendo inserida no mundo da escrita e constituindo-se (ou não) como sujeito letrado. Da mesma forma, no espaço escolar as práticas de leitura e escrita são constituídas, ainda, em grande parte a partir do uso do livro didático, o que revela a falta de diversidade de gênero textual em sala de aula. (SCHEMBERG *et al.*, 2009, p. 251).

As autoras explicitam a dificuldade existente, tanto no ambiente familiar quanto no escolar, da inserção do sujeito surdo no mundo da leitura e da escrita. Fato agravante é que no contexto da surdez a língua de sinais não é contemplada neste processo. Dessa forma, as carências de propostas realmente significativas de práticas de leituras e escrita, principalmente no ambiente escolar, têm contribuído para que os surdos apresentem diversas dificuldades ao fazer o uso efetivo desta modalidade. Assim, as autoras apontam uma necessidade urgente de mudança na forma que acontece o processo de letramento da criança surda. Ressaltam que a língua de sinais precisa, obrigatoriamente, estar inserida nesse processo. Pois, ressaltam:

o que observamos é que na família e na escola permanece o contexto da exclusão linguística, quer seja da língua de sinais, quer seja da língua na modalidade escrita. Cabendo ao surdo, assim, obter caminhos outros para que

o processo de letramento possa realmente se efetivar. (SCHEMBERG et al., 2009, p.267).

Inclusão e educação de surdos

Mallmann *et al.* (2014) apresentam uma pesquisa de campo de caráter qualitativo, em que realizaram entrevistas não estruturadas com dois professores, dois pedagogos e um intérprete de Libras, que atuam na educação de três alunos surdos do ensino regular. A pesquisa foi realizada em uma escola considerada referência para a educação de surdo de uma cidade do interior do Paraná, cujo objetivo foi investigar, a partir do olhar da equipe educacional, as práticas pedagógicas do ensino médio e profissionalizantes em sala de aula com alunos surdos.

Os autores destacam que existe uma fragilidade das propostas de inclusão atual, percebida ao verificarem que grande parte das escolas são caracterizadas por classes superlotadas, instalações físicas insuficientes e quadros docentes cuja a formação não é adequada às exigências do trabalho ofertado.

Desse modo, para os autores, torna-se necessário uma discussão mais abrangente acerca da especificidade que envolve o trabalho com a inclusão e em especial a inclusão de alunos surdos, para que seja revista a qualidade de formação ofertada.

Diante desta perspectiva sobre a inclusão, nem sempre positiva, em algumas escolas o conteúdo é transmitido pelos docentes, em geral, de modo mecânico, sem levar em consideração as especificidades físicas, intelectuais ou linguísticas de seus alunos. De modo que é recorrente um ensino desarticulado da realidade dos discentes, fazendo com que não tenham uma aprendizagem significativa (MALLMANN *et al.*, 2014).

Assim, ressaltam a importância da reflexão sobre a inclusão em sua abrangência, já que observam um distanciamento entre a proposta e a sua aplicação no espaço escolar. Assim analisam:

Pois bem, é chegado o momento de intensificar os olhares para às escolas; observar, analisar e investigar as práticas educativas, as dificuldades frente à inclusão dos surdos, levantar (ou não) a necessidade de reelaboração da legislação vigente e, sobretudo, direcionar ou (re)direcionar a educação dos surdos a fim de garantir a essa população alfabetização, letramento e ilimitadas possibilidades de cumprir todo o percurso de escolarização para torná-los cidadãos capacitados a viver em sociedade e auto sustentar-se. (MALLAMANN, *et al.* 2014, p. 134).

O estudo de Guarinello *et al.*(2006), por meio da visão de um grupo de professores do estado do Paraná, debatem a problemática que envolve a inclusão do aluno surdo no ensino regular. Para tanto, 36 professores da rede pública de ensino fundamental e médio responderam questionários sobre a dificuldade que envolve a inclusão do aluno surdo. A partir das respostas as autoras analisaram, de maneira quantitativa e qualitativa, os aspectos que dificultavam essa inserção.

Segundo as autoras, a análise dos dados evidenciou que a principal dificuldade no processo de ensino e aprendizagem do aluno surdo se diz respeito mais especificamente a falta de conhecimento por parte dos professores sobre a surdez e a Libras. Muitos dos professores pesquisados reclamaram que os alunos surdos apresentam certa apatia e desinteresse em sala de aula. No entanto, as autoras levantam questões que permite refletir se essa dificuldade dos alunos surdos não estaria diretamente relacionada com a dificuldade do professor na interação com os surdos. Questionam se esta dificuldade de interação não advém da falta de uma comunicação fluida.

Afinal, se o aluno surdo tem dificuldade para interagir, não estaria esse fato relacionado exatamente com a idéia de que não possuem uma língua em comum com seus professores e colegas ouvintes? Além disso, uma das causas das dificuldades citadas foi a apatia e o desinteresse, não estariam também esses dois fatores associados à falta de uma língua em comum? (GUARINELLO *et al.*, 2006, p. 327).

Outro aspecto importante na análise é que os professores pesquisados ignoram a heterogeneidade de aprendizagem entre os alunos. Ou seja, tanto alunos surdos quanto ouvintes aprendem de forma diferente uns dos outros. Em relação aos surdos, essa heterogeneidade é mais evidente e compreender essas diferenças é o primeiro passo para a inclusão mais efetiva (GUARINELLO *et al.*, 2006).

Dessa forma, Guarinello *et al.*(2006) ressaltam que o processo de inclusão dos alunos com surdez no ensino regular precisa ir além de criar vagas e disponibilizar materiais. Destacam que se deve superar a visão reducionista do processo de ensino e aprendizagem dos surdos e considerar a importância da língua de sinais. Para isso, a formação continuada de professores é um caminho que deve ser propiciado.

Para que haja inclusão do aluno surdo é necessário que as pessoas envolvidas no processo educacional façam um esforço, no sentido de se livrem de

modelos pré-determinados de homem, de entenderem a importância de que o aluno realize suas próprias elaborações, que compartilhe suas dúvidas, suas descobertas e seu poder de decisão. (GUARINELLO *et al.* 2006, p. 329).

Formação de professores

Machado e Lopes (2016) propuseram problematizar a formação de professor de surdo por meio de análises das narrativas de discentes. Destacam que a formação de professores de surdos está intrinsecamente relacionada à constituição do conceito bilíngue e que tanto uma formação quanto a outra estão conceitualmente imbricadas. De modo que se faz necessário, para os profissionais que possuem o desafio de ser professor de aluno surdo, ampliar a compreensão sobre essa questão.

Se lidar com outro saber ou mesmo com outra forma de ser professor de surdos requer outra responsabilidade com este grupo, assumir a postura de intelectual específico no cumprimento de sua função-educador passa a ser uma atitude e um grande desafio. Afinal, mesmo aqueles que de alguma forma se envolvem com os surdos a partir de diferentes experiências são convocados a assumir esse lugar. (MACHADO; LOPES, 2016, p. 656).

Defendem que é preciso uma atitude profissional que leve o docente a buscar constantemente a criação e novas vivências, capaz de exercer sua profissão pautada no olhar ao outro, é fundamental compreender a necessidade de refletir sobre seu fazer pedagógico reconhecendo-o como algo que pode ser transformado, e isso vale também para as especificidades que envolvem o ensino de surdos.

Entretanto, argumentam que, apesar das políticas públicas educacionais advogarem a inclusão, um dos maiores problemas enfrentados nesse processo diz respeito a formação dos professores, haja visto que a maioria não apresenta formação suficiente para atender a esta clientela. Logo, defendem que se deve haver uma formação profissional em que o professor possa reconhecer sua importância nesse processo de formação e transformação. De modo que haja a preocupação constante deste docente em estar atento às especificidades do aluno surdo, objetivando uma análise crítica diária de sua prática, favorecendo uma formação global.

Considera-se, a partir dessa reflexão de Machado e Lopes (2016), que embora a problemática apontada estar relacionada com a deficiência na formação inicial e continuada do docente, para que o processo de inclusão se efetive, é necessário a reformulação de todo o contexto educacional. A transformação no meio inclusivo,

possivelmente, se dará a partir de tomadas de medidas acessíveis, que vão desde espaços físicos-estruturais à reorganização curricular, perpassando pela acessibilidade cultural e linguística de seus educandos. Assim, visando atender à diversidade presentes no ambiente educacional, é preciso reflexão contínua acerca da atuação do profissional docente, reconhecendo suas dificuldades e limitações de formação e atuação, além da promoção de políticas públicas inclusivas.

Tenor e Deliberato (2015) desenvolveram uma pesquisa de campo em uma cidade do interior de São Paulo com objetivo de entender e desenvolver novas possibilidades que auxiliam na capacitação de professor de aluno surdo por meio da intervenção do fonoaudiólogo. Foram realizadas e entrevistas com a família e professores do aluno. Além das autoras realizarem observações em sala de aula.

A educação inclusiva tornou-se uma referência ao ser assumida pelas redes de ensino, sustentada pelas políticas públicas educacionais. De modo que, sob esse enfoque, entende-se que o aluno com deficiência deve ter a oportunidade de frequentar a escola regular e participar de todas as atividades. Nesta perspectiva, o professor deve propiciar adaptações e suportes necessários para que este aluno consiga aprender de forma efetiva. (TENOR; DELIBERATO, 2015).

Ainda, consideram que seja essencial a atuação do professor por meio de métodos desenvolvidos para auxiliar o processo de ensino e aprendizagem; outros fatores, igualmente essenciais, devem ser implementados levando em consideração toda a complexidade da prática educativa voltada para a inclusão. Estar atento às metodologias adequadas é tão importante quanto reconhecer e compreender as peculiaridades de cada deficiência e limitação do aluno, e assim, trabalhar com ele, visando seu desenvolvimento com autonomia.

As autoras afirmam, também, que não basta apenas inserir o aluno surdo em uma sala de aula regular. É necessário um projeto educacional capaz de rever as estratégias pedagógicas, a organização do espaço e o currículo, de forma, que possa contemplar as necessidades do aluno surdo. Argumentam que se pode observar uma total falta de conhecimento acerca do real sentido da inclusão. Defendem, assim, um programa de capacitação ao professor do aluno surdo.

Outro aspecto discutido diz respeito a atuação de outros profissionais, além da família e do professor, no processo de ensino e aprendizagem do aluno surdo. Pois, o

aprendizado de uma língua envolve não apenas a criança surda, mas outras pessoas importantes em sua vida como pais, familiares, professores e intérpretes.

Evidenciam que o processo de inclusão não pode se sustentar apenas nas ações do professor em sala de aula, defendendo que esta prática demanda cuidado e troca de saberes entre profissionais que atuam em diversos segmentos dessa cadeia.

No que diz respeito ao trabalho com alunos surdos, Tenor e Deliberato (2015) argumentam, por fim, que parte dos alunos com deficiência apresenta comprometimento na linguagem oral e, por isso, o professor não consegue efetuar o processo de ensino aprendizagem. Desse modo, no caso do aluno surdo, defendem um trabalho que tenha acompanhamento com o fonoaudiólogo. Esta visão, nos dias atuais, é bastante questionada por diversos autores (QUADROS, 2004; RODRIGUES, 2015), caso o foco do trabalho do fonoaudiólogo seja oralizar a criança surda, devendo, portanto, ter outro foco, que considere o surdo na sua especificidade linguística e na sua perspectiva antropológica e cultural de sujeito.

Considerações finais

Ao finalizarmos a revisão sistemática da literatura, fica evidente que a visão dos autores em relação ao aluno surdo é de que são pessoas dotadas de capacidade de aprendizagem. Os discursos desses autores são que esses alunos possuem todas as condições e capacidades para serem incluídos no sistema educacional regular. Entretanto, percebe-se uma lacuna na formação conceitual dos participantes dos estudos acerca do aluno surdo e da língua de sinais.

Mesmo entendendo a relevância da inclusão dos surdos, verificou-se que as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores não conseguem atender adequadamente as necessidades apresentadas por esse público. Dessa forma, os autores pesquisados identificaram que os professores enfrentam grandes dificuldades para ensinar, o que causa um impacto negativo no processo de ensino e aprendizagem dos alunos surdos.

O acesso do aluno surdo ao ensino regular tem sido oferecido, entretanto identificaram nas suas pesquisas que a inclusão não tem ocorrido de fato, devido à dificuldade de comunicação entre aluno e professor. Compreende-se que compartilhar o mesmo espaço escolar que o ouvinte, ainda que exista a presença do intérprete, não

garante experiências de aprendizagem efetiva, se o professor responsável desconhece os processos de ensino e aprendizagem que é peculiar ao surdo. Desse modo, entende-se nesse artigo que, apesar da legislação vigente determinar a inclusão, sua materialização ainda é um grande desafio para professores e alunos com algum tipo de deficiência. A efetivação da inclusão tende a acontecer a partir do momento em que os envolvidos no processo educacional estiverem cientes do seu papel. Nesse contexto, a língua de sinais deve ser contemplada e utilizada como meio de comunicação e transmissão do conhecimento.

Por ser uma questão dinâmica e gradual, há a necessidade de formação continuada do professor de modo a aprofundar seu conhecimento sobre a surdez entendendo as peculiaridades de como os surdos compreendem o mundo. Além disso, a revisão sistemática identificou que o professor deve encontrar na escola outros profissionais que dêem suporte ao trabalho com surdos.

Assim, esse estudo sobre o professor, o surdo e a escola na base de dados do Scielo evidencia lacunas e necessidade de mais pesquisas sobre o processo educacional, sobretudo na relação professor e aluno surdo, no processo de inclusão e na formação docente.

Referências

ALVES, Francislene Cerqueira; SOUSA, Jorgina de Cássia Tannus; LIMA, Maria Eugenia de; CASTANHO, Montes. Educação de surdos em nível superior: desafios vivenciados nos espaços acadêmicos. In: ALMEIDA, Wolney Gomes (org.). *Educação de surdos: formação, estratégias e prática docente*. Ilhéus, BA: Editus, 2015.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL Diário Oficial da República Federativa do. Decreto – Lei n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da lei n. 10.436/2002, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF: 23 de dezembro de 2005.

BRASIL. Lei 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Poder Legislativo, Seção 1, Brasília, DF, ano 139, n. 79, p. 23, 25 abr. 2002.

CAMPOS, Maria de Lima Isaac Leandro. Educação inclusiva para surdos e as políticas vigentes. In: LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira dos (orgs.). *Tenho um aluno surdo, e agora?* Introdução a Libras e educação de surdos. EDFSCar, São Carlos, 2014.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Revista Katálysis*, Florianópolis, v. 10, p. 37-45, 2007.

GUARINELLO, Ana Cristina; BERBERIAN, Ana Paula; SANTANA, Ana Paula; MASSI, Giselle; PAULA, Mabel de. A inserção do aluno surdo no ensino regular: visão de um grupo de professores do Estado do Paraná. *Revista Brasileira de Educação Especial*, n. 12, p. 317-330, 2006.

MACHADO, Lucyenne Matos da Costa Vieira; LOPES, Maura Corcini. A Constituição de uma Educação Bilíngue e a Formação dos Professores de Surdos. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 41, n.3, p. 639-659, jul.-set., 2016.

MALLMANN, Fagner Michel; CONTO, Juliana de; BAGAROLLO, Maria Fernanda; FRANCA, Denise Maria Vaz Romano. A inclusão do aluno surdo no ensino médio e ensino profissionalizante: um olhar para os discursos dos educadores. *Revista Brasileira de Educação Especial*. Marília-SP. v.20, n.1, p.131-146, 2014.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, 2004.

PAGNEZ, Karina Soledad; SOFIATO, Cássia Geciauskas. O estado da arte de pesquisas sobre a educação de surdos no Brasil de 2007 a 2011. *Educar em Revista*, Curitiba, n.52, p. 229-256, 2014.

QUADROS, R. M. de & KARNOPP, L. B. Língua Brasileira de Sinais: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RODRIGUES, Carlos Henrique. A sala de aula de surdos como espaço inclusivo: pensando o outro da educação atual. In: ALMEIDA, Wolney Gomes (org). *Educação de surdos: formação, estratégias e prática docente*. Ilhéus, BA: Editus, 2015.

SCHEMBERG, Simone; GUARINELLO, Ana Cristina; SANTANA, Ana Paula de Oliveira. As práticas de letramento na escola e na família no contexto da surdez: reflexões a partir do discurso dos pais e professores. *Revista Brasileira de Educação Especial*. Marília-SP, v.15, n.2, p.251-268, 2009.

SILVA, Angélica Bronzatto de Paiva; PEREIRA, Maria Cristina da Cunha. A imagem que professoras de escola regular têm em relação à aprendizagem do aluno surdo. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 20, n. 2, p.5-13, 2003a.

_____. O aluno surdo na escola regular: imagem e ação do professor. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 19, n. 2, p. 173-176, 2003b.

TENOR, Ana Claudia; DELIBERATO, Débora. Sistematização de um Programa de Capacitação ao Professor do Aluno Surdo. *Revista Brasileira de Educação Especial*. Marília-SP, v.21, n. 3, p.409-422, 2015.